



eu, rio...

NARRATIVAS DO RIO ARDILA



FICHA TÉCNICA

Este trabalho foi realizado no âmbito do Projecto AQUAFIL – Interreg III C

Parceria Nacional

Câmara Municipal de Moura

Comoiprel – Cooperativa Mourense de Interesse Público de
Responsabilidade Limitada

Trilho – Associação de Desenvolvimento Rural

Autoria

Sandra Fabela

Coordenação

Antónia Vilar Baião e Isabel Bicho

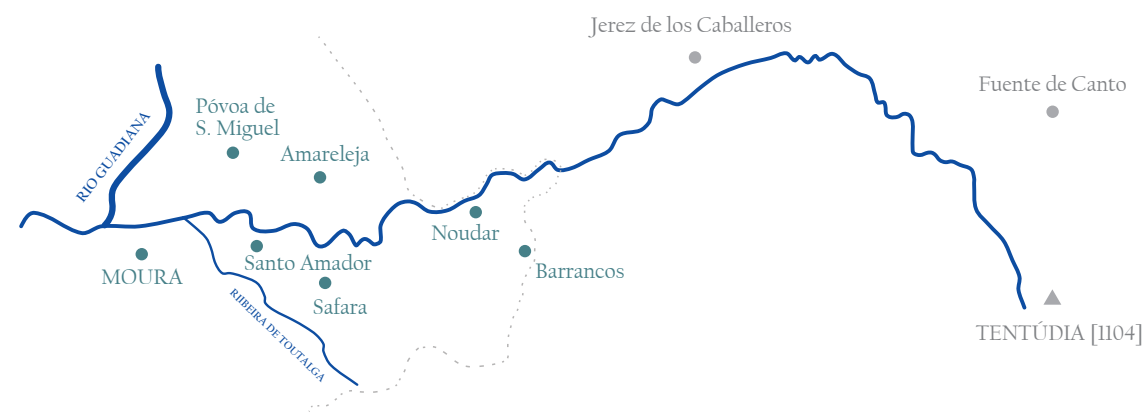
Concepção gráfica e Produção

Sugo Design

eu, rio...

NARRATIVAS DO RIO ARDILA

RIO ARDILA



NOTA PRÉVIA

A publicação desta obra é motivo de satisfação para todos nós. As narrativas do Rio retratam um quotidiano que também forjou a nossa identidade e que, por isso, devem ser lembradas e divulgadas.

Ficou provado que, o Rio Ardila, encerra estórias de uma grande e invulgar riqueza, tendo nós a certeza que muitas há ainda por contar, quer do rio, que da terra que o ampara.

Que outras narrativas se possam engendrar agora, na actualidade, porque a história dos povos e das suas gentes deve fluir com o tempo no sentido de garantir sempre um futuro com memória. Um futuro que se pretende seja cada vez melhor, sem perdemos a nossa genuidade.

Aproveito para agradecer a todos os que tornaram possível esta edição, aos que trabalharam os textos e aos protagonistas das narrativas.

José Maria Prazeres Pós-de-Mina

Presidente da Câmara Municipal de Moura e
Presidente da Direcção da Comoiprel - Ciprl

Outubro de 2007

ÍNDICE

Nota Prévia 7

Introdução 10

Capítulo I . CARACTERIZAÇÃO FÍSICA DO RIO ARDILA 14

1.1. Envolverte Humana 15

Capítulo II . ENQUADRAMENTO TEÓRICO 18

Capítulo III . AS NARRATIVAS DO RIO 22

3.1. Profissões Associadas ao Rio 23

3.1.1. Moleiro 23

3.1.2. Acarretador de Farinha 27

3.1.3. Contrabandista 28

3.1.4. Lavadeira 30

3.1.5. Pescador 34

3.2. Ritos de Passagem 38

3.2.1. As Sortes 38

3.2.2. O Banho pré-nupcial e o Lavado do Enxoval 41

3.2.3. O Lavado da mortalha e da roupa do defunto 41

3.3. O carácter cósmico do Rio 42

Conclusão 44

Anexos 47

Bibliografia 58

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, “Eu, Rio...” – Narrativas do Rio Ardila, faz parte das actividades promovidas pelo projecto Aquafil que tem como principal objectivo a gestão integrada da água, tendo como unidade principal de intervenção a bacia hidrográfica.

É um projecto que pretende recuperar, através das narrativas do Rio, contadas por aqueles que se relacionaram diariamente com o seu leito, toda a importância que o Rio teve, não só no processo evolutivo do homem, mas também das sociedades, tendo em conta que ao longo do seu curso se teceram contactos entre povos, aconteceram trocas comerciais e culturais entre comunidades e estabeleceram-se relações ancestrais entre os homens. Tudo isto tendo o Rio como pano de fundo.

As narrativas em que assenta este trabalho foram recolhidas no concelho de Moura, freguesias de Safara, Amareleja, Santo Amador, Santo Agostinho e São João Batista.

Realizou-se um estudo prévio com o objectivo de apurar quais os temas de maior pertinência que permitissem atingir os objectivos a que nos propomos. Deste estudo foram consideradas prioritárias as narrativas relativas a algumas profissões relacionadas com o Rio Ardila, nosso objecto de estudo, bem como algumas práticas que pontuavam certos comportamentos próprios de quem vive nas zonas ribeirinhas. Posto isto, foi delimitado um esquema de intervenção directa junto dos informantes que nos pareceram mais apropriados para o desenvolvimento deste projecto.

A metodologia utilizada baseou-se na entrevista directa, livre, mas orientada, recorrendo à oralidade e à memória social.

Segundo Fentress e Wickham (1992) grande parte da memória está ligada à inclusão em grupos sociais de diversos tipos. Em si e por si, a memória é simplesmente subjectiva. Ao mesmo tempo, porém, a memória é estruturada pela linguagem, pelo ensino e observação, pelas ideias colectivamente assumidas e por experiências partilhadas com os outros. Também isto constrói uma memória social. (Fentress e Wickham – 1992).

“Não há memória colectiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: as nossas impressões sucedem-se, uma à outra, nada permanece no nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que a nossa imaginação ou o nosso pensamento, é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos centrar a nossa atenção, é sobre ele que o nosso pensamento se deve fixar, para que apareça esta ou aquela categoria de lembranças. (Halbwachs)¹

Posto isto, propusemo-nos a observar o vigor da memória e a capacidade de discernimento daqueles que, muitas vezes sendo analfabetos, fazem pelo contacto directo com a natureza e pela oralidade, a dedução das suas regras, e pela aplicação das mesmas promovem simultaneamente a estabilidade e a dinâmica do grupo cultural a que pertencem.

“A história oral e o estudo da tradição oral têm muitas finalidades, mas a principal foi sempre a reconstrução do passado através de fontes orais, quer directamente, quer após cuidadoso tratamento e análise. O que define a história oral e a coloca à parte dos outros ramos da história é, afi-

nal, o facto de assentar na memória e não em textos.” (Passerini 1988 e Tonkin 1991)²

Seguindo esta lógica de pensamento, podemos partir do pressuposto que a tradição oral é um recurso importante que penetra na memória dos indivíduos, em particular, e das sociedades em geral, fazendo sobreviver e perpetuar culturas, transmitindo às novas gerações, os valores que as identificam e as tornam únicas.

Outro dos propósitos do presente trabalho é dar a conhecer aos interessados muitos dos legados da história e património desta região, que fizeram parte da relação que as populações ribeirinhas tinham com o Rio e com o ecossistema envolvente, uma relação afectiva, vital e cósmica.

¹ Citado em Fentress, J. & Wickham, C. (1992)

² Idem



Capítulo I

CARACTERIZAÇÃO DO RIO ARDILA



“Ardilla Rio: nasce de huã fonte no reino de Castella, província da Extremadura distante quazi trinta léguas desta aldeia quazi a leste. Logo no principio he caudalozo; entrão neste outros rios de que não nos pertence dar noticia. He capas de embarçaõins pequenas em alguãs partes. He de corrente arrebatada em toda a sua distância. Corre de Les – sueste a Les – noroeste. Cria os peixes seguintes: barbos grandes bordallos, bogas e héros. Pesca-se nelle todo o anno e as suas pescarias são livres. As suas margens em muitas partes se coltívão e tem muitas arvores silvestres. Desde o seu prencípio the donde fenece conserva sempre o mesmo nome, nem sabemos tivece athe agora outro. Não tem ponte mas tem muitos moinhos e en Castella engenhos. Tem muitas ágoas que correrião todo o anno se en Castella lhas não diverticem para regarem as suas fazendas e por esta cauza deixa de correr alguns annos no estio. Dizem que já se virão entre as suas areias alguns graus de ouro, mas no prezente tempo não temos experiencia com que verificar esta noticia. Podem os povos usar livremente as suas ágoas. Tem de comprimento desde a sua origem athe donde morre quazi trinta léguas. Paça, desde que entra em Portugal, junto a Noudar, entre os lugares de Safara e Amareleja e depois correndo junto a Moura entra no rio Guadiana meia légoa distante da dita villapara a parte do es – noroeste. São as noticias que nesta minha freguezia de Safara pude adquerir que fielmente copiei.”

Feyta aos 13 dias do mês de Junho de 1758.

O P. Fr. Pedro Batista Pimenta³

1.1 ENVOLVENTE HUMANA

O Rio sempre desempenhou um papel preponderante em todo o processo evolutivo do homem sendo o principal factor de localização dos primeiros aglomerados populacionais a proximidade ao rio, que tinha as terras circundantes mais férteis para a prática agrícola e dava alimento que a sua água ajudava a cozinhar.

Com o passar do tempo e ao longo de centenas, de milhares de anos, o homem foi estabelecendo uma relação mais próxima com o rio, desvendando os seus segredos e adaptando-os às suas necessidades de sobrevivência, não só físicas, mas também espirituais.

Foi desenvolvendo técnicas de pesca que lhes permitia recolher alimento. Domou as águas violentas nos açudes dos moinhos, aproveitando a sua força para transformar a semente em farinha, que mais tarde havia de ser pão, o alimento base na vida dos alentejanos.

Descobriu os cheiros da hortelã e dos poejos, que utilizou para confeccionar os seus pratos mais típicos. Utilizou o buinho, que foi moldado para fazer cadeiras e esteiras, onde descansava após longas horas de

³ “As Memórias Paroquiais da Vila de Moura e seu termo”
Edição Câmara Municipal de Moura

labuta. Retirou também das margens do Rio a cana, que depois de divinamente dividida se transformou em cestos e canastras onde transportava os seus bens mais preciosos. Construiu barcos que permitiam a sua navegabilidade e a passagem para a outra margem.

Nas nossas regiões do interior, a ligação afectiva com o Rio, ou a “ribêra”, era espontânea, tendo em conta que os rios eram importantes locais de convergência, onde se estabeleciam relações puramente sociais, de convivência e outras.

No Rio Ardila conviviam pescadores e moleiros, acarretadores de farinha (maquilões), lavadeiras, barqueiros, pisoeiros e pastores, que encontravam na força das suas águas a resposta para o seu sustento.

Os moleiros e os pescadores eram presença fixa no quotidiano do rio, sempre acompanhados pelas suas famílias. Quando apareciam fregueses que, por terem grandes quantidades de cereal para moer, tinham de pernoitar por dias, ou mesmo semanas, nestas alturas o ambiente era de festa. Acendia-se a fogueira, apanhava-se o peixe e todos os que se encontravam nas proximidades participavam da “pândega” ou da “sússia”. O moleiro costumava ser um bom anfitrião.

Também era nas margens do Ardila que se realizavam as pescarias em conjunto e os banhos refrescantes de Verão, considerados os momentos de lazer a que tinham direito. Muitas vezes estas idas para o Rio resultavam em tragédia porque as “pândegas” eram bem pingadas de vinho e recheadas de alimento, e a frescura da água corrente era um atractivo que não conseguiam controlar, acabando muitos por não voltar. Associado a este ambiente de festa encontrava-se o facto de as pessoas não terem água canalizada em casa, aproveitando desta forma para fazerem a sua higiene (com sabão azul e branco) nas águas do Rio.

Como não havia pontes, a passagem para a outra margem era feita através dos portos, que ficavam situados próximo das localidades na parte mais baixa do caudal do Rio permitindo a passagem de pessoas a pé, e também de animais. Nos sítios onde não existia porto, ou quando o caudal do rio levava muita água, o Rio era atravessado junto aos moinhos em pequenas embarcações que, regra geral, pertenciam ao moleiro.

As águas do Rio também assumiam um carácter purificador estando associadas a alguns ritos de passagem como o banho das “sortes”, o banho pré nupcial e o lavado do enxoval, bem como ao lavado da mortalha do moribundo.

Actualmente, o homem está mais poderoso, mais sofisticado, o Rio assume agora outro protagonismo na sua vida. No entanto, o homem ainda recorre ao rio. Constrói barragem e, mais uma vez, aproveita a força da sua água para produzir energia. Está mais atrevido, submerge patrimónios e destrói ecossistemas, altera caudais e transforma paisagens. Mas o homem também dá ao rio a possibilidade de manter um caudal ecológico durante todo o ano, fazendo com que este esqueça as terríveis secas do Verão, bem como as grandes cheias do Inverno, que tanto caracterizaram a nossa região.



Pândega junto ao Ardila | fonte: Mariete Guerreiro



Banho | fonte: Mariete Guerreiro

Capítulo II

ENQUADRAMENTO TEÓRICO



Desde tempos remotos que a economia alentejana tem como pilares de sustento a agricultura e a pecuária. Tradicionalmente, nestas regiões produz-se trigo, centeio, cevada, azeitona e bolota e cria-se gado bovino, suíno, ovino e caprino.

O trigo, entre os últimos anos do século XIX e até 1970, sensivelmente, tornou-se o cereal central de todo o Alentejo. “A espectacular expansão da cultura do trigo que se verificou entre os anos de 1880 e os anos trinta deste século teve resultados importantes que influenciaram profundamente (...) a vida de toda a região interior do Sul do País. Esta expansão ficou a dever-se à combinação de medidas de carácter político, circunstâncias económicas e melhoramentos tecnológicos”⁴

A importância atribuída ao trigo era de tal forma acentuada que o tamanho das herdades era medido em moios de sementeira de trigo e não em hectares, sendo o trigo utilizado também como moeda de troca e de pagamento de serviços variados.⁵

A tudo o que foi anteriormente referido acrescenta-se o facto de o pão ser o alimento base da dieta dos alentejanos, e o trigo o cereal eleito por excelência para ser farinado e transformado em pão.

O Rio, apoiado na força das suas águas correntes, trouxe o complemento necessário para a transformação da farinha em pão.

As referências históricas à actividade molineira, através do aproveitamento das correntes fluviais surgem desde o século XII, estando o labor do moleiro intimamente ligado ao cultivo dos cereais. Os moinhos constituíam importantes meios da economia medieval. Eram pertença exclusiva do monarca, das classes nobres ou de ordens religiosas que deles retiravam grandes benefícios.⁶

Com o desaparecimento destas entidades, os moinhos passaram a ser propriedades privadas individuais, muitas vezes pertencentes a lavradores ou moleiros.

Os rios tornaram-se fonte de novos e indispensáveis recursos. Se a força da corrente sempre favorecera o transporte de pessoas e bens, o recurso à energia hidráulica para accionar mecanismos cada vez mais complexos revelou-se fundamental para a economia das populações ribeirinhas, em especial, a partir do fim da idade média.

Posto isto, à volta do Rio desencadearam-se um conjunto de relações sociais, que passavam sempre pelos moinhos. Toda a base da vida social e económica das populações assentava no trigo e na sua

transformação em farinha, tornando necessário o aparecimento de algumas profissões que hoje se encontram extintas.

Segundo Rui Guita, ocorreu durante o século XX um acentuado abandono do território ribeirinho, à medida que a economia tradicional cedeu lugar às tecnologias industriais.

O acontecimento central deste progressivo afastamento das margens foi o desuso dos aproveitamentos hídricos para a moagem de cereais que foram gradualmente substituídos pelas moagens mecânicas locais e, finalmente, pelas moagens mecânicas supra locais quando o auto abastecimento dos grupos domésticos se tornou um fenómeno residual.

Em meados da década de 70 os últimos moleiros, já idosos viviam os derradeiros anos da profissão e sobreviviam com escassos clientes que ainda queriam moer o seu cereal.⁷

⁴ José Cutileiro, Ricos e Pobres no Alentejo

⁵ Ver, José da Silva Picão, Através dos Campos

⁶ Ver, Contribuição para o estudo etnográfico dos moinhos do Guadiana

⁷ “Os Moinhos do Guadiana” 1998



Capítulo III

NARRATIVAS DO RIO



3.1 PROFISSÕES ASSOCIADAS AO RIO

À semelhança do que aconteceu com muitos dos ofícios tradicionais da nossa região, também os ofícios associados ao Rio se encontram extintos, na sua grande maioria, ou em vias de extinção, o que se prevê que aconteça a curto prazo. Todos os ofícios que descreveremos de seguida apareceram da necessidade de união de dois dos elementos que sustentam a nossa sobrevivência, a terra e a água. A terra dá, o Rio transforma. Em torno desta relação de complementaridade, o homem foi desenvolvendo estratégias e mecanismos e adaptando-os às suas necessidades. Daqui resultou o aparecimento de algumas profissões, regra geral, legadas de pais para filhos, que se traduziam numa verdadeira herança de distinção familiar e social.



Barco do Moleiro do Moinho do Viegas, Anos 50 | fonte: Mariete Guerreiro

3.1.1 O MOLEIRO

O moleiro era a pessoa que trabalhava nos moinhos, gozava de uma posição privilegiada em relação aos outros ofícios tendo em conta que os cereais, através da sua transformação em pão são centrais na organização social das comunidades, por constituírem um elemento fundamental na alimentação humana.

Os moinhos eram explorados de diferentes maneiras, alguns pelos próprios donos, outros eram arrendados, fazendo contratos que poderiam variar entre um ano e uma vida inteira de validade. No caso de ser o proprietário a explorar o moinho, o seu trabalho era pago em géneros, mediante uma percentagem dos cereais ou da farinha, a que davam o nome de maquia.

O moleiro e toda a sua família viviam no monte que pertencia ao moinho e que se situava um pouco mais acima, a salvo das cheias que muitas vezes ocorriam durante o Inverno. Ao lado da casa havia uma malhada onde guardavam os animais, os burros ou bestas, que utilizavam para transportar a farinha, alguns porcos, galinhas e cabras que criavam para consumir e variar a sua alimentação. Os moleiros que viviam nas zonas raianas tinham de declarar todos os animais e bens que possuíam junto do moinho, por se encontrarem em rotas de contrabando.

Também neste ofício, os filhos começavam muito cedo a ajudar os pais e a aprender as técnicas da moagem.

“ Fui viver para o moinho com nove meses, só sai de lá com trinta e dois anos. Vivíamos lá, trabalhávamos lá dia e noite. Até aos oito anos andava a guardar os porcos e as cabras, a partir dos nove comecei a trabalhar no moinho, já ia picar a mó, lavar o trigo e apanhar a farinha.” A.J. (Safara)

A “Picadura da Mó” era uma tarefa que exigia algum esforço físico por parte do moleiro. Para que a farinha saísse boa era necessário que as superfícies de trituração das mós estivessem “picadas” para se manterem ásperas permitindo o esmagamento e o corte do cereal em condições. A sucessiva rotação das mós e esmagamento do cereal fazia com que as pedras ficassem polidas o que se traduzia numa perda do rendimento do esforço de rotação. Posto isto, era necessário, com alguma frequência desmontar a mó e fazer a “picadura” a preceito, com um ferro afiado (picão) e um martelo. Esta técnica tinha de ser posta em prática com muita precisão para que as mós não ficassem empenadas, o que provocaria uma rotação desequilibrada das mós e na obtenção de farinha grossa. (Galvão, Mosca, Amador e Barnabé)⁴

Nas década de 40/ 50 não havia celeiros nas freguesias, só nas sedes de concelho o que levava muitos moleiros a alugar depósitos, que eram casas ou armazéns, onde guardavam o trigo e a farinha que compravam e vendiam a particulares.

“Haviam muitos fregueses que não levavam o trigo para os celeiros porque não pagavam logo, como tal davam-nos o trigo para moermos o ano inteiro, para o seu sustento, nós tirávamos a nossa maquia e eles levavam a sua parte. Vendíamos farinha aos particulares e tínhamos os depósitos aqui em Safara, Santo Aleixo e Moura e era para aqui que carregava a farinha.” A.J. (Safara)

As épocas de maior actividade dos moinhos coincidiam com a época das colheitas, que se realizavam nos meses de Verão. Nesta altura, e tendo em conta que o caudal de alguns afluentes era muito baixo, senão nulo, era frequente muitos moleiros se deslocarem aos moinhos do Guadiana para moer o seu cereal, desta vez fazendo eles o pagamento da maquia.

“ O Ardila quando chegava o Verão secava e nós tínhamos que ir moer

ao moinho da “Barca” no Guadiana. Só há cerca de quarenta e oito anos é que o Ardila começou a correr durante todo o ano, porque nós quando chegava ao verão fechávamos os moinhos e vínhamos para a aldeia. Depois o meu pai ia moer ao moinho da “Barca”, ao “Viegas”, no Ardila, que tinha um motor e também ao Sobral da Adiça, ao Gargalão. Quando íamos moer a outro moinho tínhamos que pagar uma maquia, uma percentagem do cereal ou da farinha ao maqueiro.” A.J. (Safara)

Durante o Inverno a situação invertia-se porque com as grandes cheias que ocorriam no Rio Guadiana, os moinhos ficavam submersos obrigando os moleiros a recorrerem aos moinhos dos afluentes.

O trigo antes de ser moído tinha de passar por uma série de rituais que começavam com a lavagem. A necessidade de lavar o trigo surgiu associada às graves doenças respiratórias que os moleiros contraíam, provocadas pelo levantamento de pó proveniente da moagem de cereal.

“ O trigo tinha de ser lavado no Rio, numas alcofas que se enchiam com o trigo e se metiam dentro de água, abanávamos e a palha vinha ao de cima, antes disso ainda ia à bandeja, a pedra saía e o trigo ficava. Antes de se molhar o trigo, os moleiros coitadinhos tinham poucos dias de vida. Quando moíamos o chicharro e a fava que não se podiam molhar tínhamos de fugir para fora do moinho, mesmo assim ficávamos com o nariz e os olhos cheios de pó. O trigo, antes de ser molhado também era impossível.” A.J. (safara)

O moleiro não se dedicava exclusivamente à moagem de farinha para o consumo dos homens, sendo frequente durante o Inverno, moer farinha para consumo do gado.

“ No tempo do Inverno moíamos mais para o gado do que para as pessoas, moíamos favas, tremoços. Quando ainda se usavam juntas o gado andava na lavoura e precisava de comer muito. Também moíamos o chicharro, a fava, centeio, cevada branca e aveia. Havia muita gente que tinha gado bovino, muitas vacas taurinas. Também para os porcos moíamos grão branco, grão preto...” A.J. (Safara)

Nas épocas em que havia muita tiragem de farinha, os moleiros trabalhavam noite e dia sem parar. O moinho e o espaço circundante transformavam-se num palco onde se estabeleciam relações sociais aos mais vários níveis. Iam os fregueses particulares, os acarretadores de farinha, os pescadores, muitas vezes todos eles fazendo-se acompanhar das suas famílias. Estas alturas eram propícias para as “pândegas”.

O transporte do trigo e da farinha era feito por o moleiro, pelo menos para aqueles fregueses que eram certos e especiais, o acarretador de farinha funcionava em complemento.

O transporte era feito em burros, muitas vezes tendo o moleiro que se deslocar a pé, percorrendo grandes distâncias. À semelhança do que acontecia com os acarretadores de farinha, o moleiro tinha de se fazer acompanhar de uma guia de transporte emitida pela Guarda Fiscal, de for-

ma a que os géneros transportados não fossem considerados contrabando.

A pesca era outra das actividades exercidas pela maior parte dos moleiros. No entanto, eram poucos os que pescavam para vender. O peixe era para consumo da casa ou então para fazer as caldeiradas quando os fregueses tinham que pernoitar.

“ O moleiro fazia de tudo um pouco, o meu pai não gostava nem de pescar, nem de caçar, só quando era volta de pândega. Agora eu gostava muito de pescar, pescava de todas as maneiras, com o estremalho, a nassa, e outras. Tínhamos sempre caldeirada para quem viesse.” A.J. (Safara)

Em geral, todos os moleiros tinham um barco que utilizavam para pescar, para transportar os sacos de semente e de farinha dos moinhos para as margens do rio e vice versa, sendo utilizado ainda para o transporte de pessoas, bens e animais de pequeno porte. Havia zonas em que não existiam portos e as pessoas pagavam ao moleiro para fazerem a passagem para a outra margem.

Todos os moinhos tinham um livro de registo, onde deveriam ser declarados todos os quilos de cereal moído, de forma a determinar a contribuição industrial.

“A contribuição industrial era um imposto que incidia sobre a moagem propriamente dita e a avença correspondia a um imposto mensal, incidente sobre a actividade desenvolvida no moinho enquanto este labora.” (Guita 1991)

“ Eu deixei o moinho há 33 anos. Tive muitos dias que para Santo Aleixo levava mil quilos de farinha, levava cinco burros comigo. Derrepente passou a ser trezentos quilos por semana. Comecei a ver que aquilo já não dava para mim e para o meu pai e resovi vir-me embora. O meu pai já só teve lá mais uma ano, a contribuição que se pagava às finanças era muito alta, os depósitos de farinha também pagavam contribuição e nós tínhamos dois, eram oito contos e quinhentos por ano, dava para comprar uma moradia de casas. Mesmo depois de o moinho estar parado ainda pagávamos uma contribuição.” A.J. (Safara).

3.1.2 O ACARRETADOR DE FARINHA (MAQUILÃO)

Os Acarretadores de Farinha, ou maquilões tinham como ofício transportar a farinha de quem não tinha meio de transporte, uma vez que os moinhos se situavam no rio, longe das localidades. Muitas vezes era o próprio moleiro que desempenhava esta tarefa, ia buscar os sacos de trigo às localidades e depois de moída levava a farinha para os fregueses mais habituais. No entanto, em épocas de grande produção todos os moinhos tinham necessariamente um acarretador de farinha.

O transporte dos cereais, regra geral, era feito em cima de burros ou em carros de tracção animal. Os sacos de cada cliente deveriam ir identificados com o nome da pessoa e o peso do cereal. Este serviço era compensado com o pagamento de uma maquia proporcional ao peso do transportado, que oscilava entre os cinco e os dez por cento.

Muitos destes homens faziam parte do quotidiano do moinho, deslocando-se diariamente, fazendo a entrega da semente e recolhendo a farinha já transformada. Muitas vezes, quando a carga o justificava, pernoitava por lá, enquanto esperava divertia-se nas pândegas que se improvisavam quando juntavam o farnel de cada um, num só. Os moleiros tinham sempre peixe frito e caldeiradas que partilhavam com os seus fregueses.

Quando a farinha já estava moída, voltava a carregar os seus burros e ia fazer as entregas, recebendo de volta a maquia que era sua por direito.



Acarretador de Farinha | fonte: Tradição

3.1.3 O CONTRABANDISTA

Sendo o Rio Ardila um Rio de fronteira, o contrabando era outra das actividades que as populações arriscavam. Como na maior parte dos casos se realizava durante a noite, era a segunda actividade do moleiro, do pescador, do barqueiro ou do pastor. Havia também algumas mulheres mais corajosas que se aventuravam nesta prática, muitas vezes levando consigo os filhos pequenos.

O contrabando era uma actividade proibida que podia custar muito caro a quem o praticava, se fossem apanhados podiam sofrer penalizações mais ou menos graves, dependendo do lado da fronteira onde o acaso se dava. Podiam ser presos e também perdiam todos os pertences que tivessem consigo. Ainda hoje se pode sentir um certo receio por parte das pessoas quando se aborda este assunto, de tal maneira que a primeira coisa que dizem é sempre: “Eu nunca me dediquei a isso”, sendo desta forma difícil obter uma narrativa de contrabando contada na primeira pessoa.

Dependendo da carga, assim era a forma como se deslocavam, umas vezes a pé, outras de burro, ou até mesmo de barco, conheciam todos os trilhos que percorriam, espantavam todos os medos que a noite trazia, a necessidade gritava mais alto.

“ Eu só fiz contrabando para comer, trazia toucinho, bacalhau, tudo para comer, porque o escudo valia mais que a peseta. Não levava nada para lá, só ia buscar a comida mais barata. Mas havia muitos que se aproveitavam disso, na Amareleja havia mais de cem contrabandistas, só viviam do contrabando, levavam café, farinha, ovos, mas era uma vida muito arriscada. Umas vezes iam de burro, outras a pé e levavam as coisas às costas. Para cá a maior parte das vezes só traziam o dinheiro porque tinham que andar fugidos. Às vezes eram apanhados, quando os apanhavam em Espanha levavam-nos para Badajoz e ficavam lá presos. Ficavam sem nada e iam presos.” M.G. (Amareleja)

Um dos ofícios que estava directamente relacionado com o contrabando era o de moleiro. Esta relação é traduzida por um dos principais produtos contrabandeados ser a farinha, havendo desta maneira muitos moleiros que enriqueceram. Outra das razões era o facto de o moleiro ter um barco, que se encontrava sempre junto ao moinho, facilitando desta forma, a passagem dos contrabandistas para a outra margem, em troco de umas regalias.

“Ia muita gente moer ao nosso moinho e por causa do contrabando chegavam a estar lá dez ou doze bestas durante a noite e o dia. Houve muitos moleiros que enriqueceram com o contrabando de farinha, os espanhóis compravam a farinha a preços muitos altos. O meu pai podia ter enriquecido, em Santo Aleixo ofereciam 100\$ por um saco de farinha, ele vinha vendê-lo aqui em Safara por 30\$, porque tinha medo.” A.J. (Safara)

Este medo derivava da obrigação que os maquilões (acarretadores de farinha), os moleiros e quaisquer outras pessoas que levassem cereais para os moinhos incluídos em zonas raianas, se fizessem acompanhar de uma guia de transporte emitida pela guarda fiscal, de modo a que o transportado não fosse considerado contrabando. (Luís Silva, 2003)

“Houve muitos anos que como havia aqui o posto da Guarda Fiscal, vinham de Barrancos e de Moura e tinham medo de passar por aqui e então era num monte aqui perto que faziam o contrabando.” A. C. (Safara)

“ Havia gente que não fazia mais nada, levavam os dias inteiros nas tabernas e depois de noite dedicavam-se ao contrabando.” A.J. (Safara)

“Havia uma mulher contrabandista que levava o café e a farinha debaixo das saias e trazia cremes “Bela Aurora” e outros cosméticos que as mulheres gostavam de comprar porque cá não havia.” M.O.M. (Moura)

O contrabandista, para além de se dedicar a uma actividade ilegal, muitas vezes falsificava os sacos de farinha misturando cal branca e preta, fava moída, entre outras coisas que podiam ser prejudiciais à saúde de quem as consumia. Isto tudo para ganhar mais dinheiro.

Mulher contrabandista | fonte: Tradição



3.1.4 A LAVADEIRA

“As lavadeiras, as lavadeiras,
Tão graciosas, sempre a cantar,
- Ó vida ingrata, quantas canseiras?
Quantas fadigas e soalheiras
Esfrega que esfrega, sem descansar.

Junto das pedras, assim curvadas
Esfrega que esfrega, sem descansar,
As lavadeiras tão engraçadas
Lembram devotas ajoelhadas
Como se fosse para rezar.”

Joaquim Costa, poeta popular.

As lavadeiras eram as mulheres que iam lavar ao Rio. Umas eram profissionais que a troco de alguns tostões lavavam a roupa das senhoras ricas, outras iam lavar a roupa das suas casas.

A profissão de lavadeira surgiu derivada do facto de não haver água canalizada nas localidades, tendo as mulheres que se deslocar ao Rio. A roupa era separada em casa, colocada em cestas que encaixavam nos alforjes dos burros. Os burros iam carregados com a roupa tendo as mulheres que fazer todo o percurso a pé, algumas delas que não tinham transporte, colocavam os cestos à cabeça e seguiam a pé até ao Rio, ou à “ribêra”. Muitas vezes iam de véspera, pernoitando junto dos montes ou moinhos que ficavam próximos dos pegos eleitos. Quando isto não acontecia, punham-se a caminho mal aparecia a estrela da manhã, tentando chegar o mais cedo possível porque as pedras ficavam feitas e não pertenciam a ninguém, quem chegava primeiro, apanhava as melhores.

“Havia pegos em que chegavam a estar lá dezasseis mulheres lavando. Havia muitos ricos que tinham lavadeiras que lhes iam lavar a roupa. Aqui em Safara havia cinco ou seis, que lavavam a roupa em Safareja, Ardila e Murtigão”. A.J. (Safara)

“As mulheres que não tinham burros levavam a roupa à cabeça, quando voltavam traziam a roupa molhada, que pesava mais ainda, era um esforço muito grande. Muitas vezes andavam grávidas a fazer este serviço. Deu-se aqui o caso de uma mulher grávida chegar à aldeia e ter o filho.” I.M.B. (Santo Amador)

“Normalmente o dia do lavado, dedicavam-no para amassar o pão. Amassavam de madrugada, levavam o pão para o forno e iam para o Rio lavar. O pão era amassado uma vez por semana.” M.G. (Santo Amador)

“Era preciso ir cedo porque tinha que se procurar um pego asseado, o

mais acima possível, de forma a que não se lavasse numa corrente onde passasse a água ensaboada das outras lavadeiras.” A.B. (Safara)

Quando chegavam ao Rio, muitas vezes acompanhadas pelos filhos pequenos, mudavam de roupa e vestiam uma roupa velha, quer fosse verão ou Inverno descalçavam os pés e entravam na água. Era necessário arranjar a pedra, ou “batedeiro”, onde a roupa era lavada e batida, que muitas vezes se encontrava deslocada pela força da água da corrente. Eram necessárias duas pedras, uma para ensaboar e a outra servia de apoio, onde se colocava a roupa depois de ensaboada.

O lume já estava aceso era altura de começar a fazer os grãos para o jantar que sem pressa iam cozinhando ao longo da manhã, para se comer ao meio dia. Era também altura de colocar a água a ferver para juntamente com as cinzas se fazer a “barrela”. E o ritual do lavado começava...

“ No Inverno, as pernas pareciam meias cor-de-rosa, muitas vezes partia-se o gelo para entrarmos lá para dentro. No Verão sabia bem, era engraçado e refrescante. Levávamos a família, dormíamos lá e íamos lavar a roupa.” I.M.B. (Santo Amador)

“ A água dava sempre por o meio do joelho, não podia ser muito baixa para se poder enxaguar a roupa, mas não nos podíamos afastar muito... a maioria não sabia nadar.” C.P. (Moura)

“ Num cesto de cana, com uma pedra dentro para não abalar com a força da corrente, punha-se a roupa branca de molho.” A.B. (Safara)

“ Lavava-se a roupa no Rio, cheia de água e sabão, depois levava-se em braços e estendia-se nos vales para coarar, quando estava a ficar seca era ogada várias vezes, ou seja, regava-se a roupa com um regador. A roupa era ogada várias vezes, ia secando e ogando, secando e ogando,. Quando já estava branquinha tiravam-na, lavavam no Rio para sair o sabão e batiam a roupa, às vezes tinham que ser duas mulheres, só depois é que se estendia nas giestas e nos rosmaninhos para secar.” M.O.M. (Moura)

Lavadeiras no Rio Ardila, Anos 60 | fonte: Mariete Guerreiro



Entretanto, outras mulheres se iam juntando, seguindo os mesmos rituais que purificavam o seu lavado. Quando a companhia começava a ser agradável era comum começarem a cantar umas modas, que embalavam o lavado e faziam esquecer as dores nos dedos deformados, cansados de tanto lavar.

“Dizes qu’eu sou lavadeira
Que ando no mar a lavára.
Eu passo uma vida alegre
Na ribêra a namorara

Na ribêra a namorara
É qu’eu passo o meu bom tempo...
Desejava amor sabêra
Qual é o teu pensamento.”

In, Tradição, Canção das Lavadeiras

Outro dos preceitos utilizados no lavado eram as “barrelas”, água de cinza, fervidas em latas ou em tachos de zinco, serviam para branquear e tirar as nódoas mais complicadas.

“Fazia-se a barrela, forrava-se o cesto com um pano branco, metia-se a roupa branca dobrada lá dentro, por cima punha-se um pano branco que servia de coadouro. A água de cinza já estava a ferver deitava-se um bocadinho de sabão e rosmaninho lá para dentro, e começava-se a fazer passar a água pelo coadouro, só paravam de deitar água quando saía água quente por baixo, eram tachadas e tachadas de água só para fazerem aquilo, depois tornava-se a lavar a roupa outra vez. Essa roupa não se estendia na “ribêra”, trazia-se molhada para estender em casa. Nesse dia já não se lhe mexia, no outro dia quando se destapava a roupa era um cheirinho tão bom.” I.M.B. (Santo Amador)

“As águas do Rio lavavam assim, a roupa dos ricos, a roupa dos pobres, as roupas do enxoval, as roupas dos meninos nascidos, as roupas dos meninos que não nasceram, as roupas das mortalha. As roupas da fidelidade e das coisas consumadas; as roupas dos segredos e das descobertas.” A.B. (Safara)

Ao fim do dia, quando terminava o lavado, a lavadeira aproveitava para tomar banho no rio, com um trapinho branco ensaboado. Tomavam banho vestidas, com umas batas. Enxaguavam a cabeça com vinagre para fazer o cabelo fino e brilhante. Aproveitavam também para dar banho aos filhos com sabão azul e branco. E voltavam para casa, ainda tinham uma longa caminhada pela frente, as que tinham burros iam mais leves, as que não tinham, ainda tinham de carregar mais esse fardo da vida.



3.1.5 O PESCADOR

A pesca é uma actividade económica de extraordinária importância, que já se praticava habitual e regularmente no neolítico.

O pescador do Ardila é o único ofício que se tem prolongado até aos nossos dias, apesar de se encontrar em vias de extinção. Este facto não acontece por não haver peixe no Rio, acontece sim, porque deixou de ser, à semelhança de muitos outros, uma fonte de rendimento que assegure a sobrevivência de quem a pratica. Uma das grandes causas desta realidade é o desenvolvimento económico que se tem feito sentir, fazendo com que o peixe fresquinho, acabado de pescar, seja substituído em nossas casas por o peixe congelado, que se compra nos supermercados e hipermercados. Os mercados, outrora lugar de grande convergência, onde se realizavam importantes trocas económicas e comerciais estão condenados a desaparecer, abafados pelas grandes potências que se instalam nas cidades. Este desenvolvimento também chegou aos meios de transporte facilitando as deslocações e permitindo que os avios se façam fora das aldeias.

Uma outra questão que ameaçou a perpetuação deste ofício está intimamente ligada com estabelecimento do ensino obrigatório no nosso país, fazendo com que os filhos não possam acompanhar os pais nas deslocações ao Rio, como fizeram em tempos recuados.

O pescador do Ardila passava os dias e as noites junto ao rio, ora dormindo nos moinhos, ora dormindo nas malhadas que possuía por aqui e por ali. Tinham uma relação muito próxima com os moleiros e suas famílias, uma vez que estes também tinham presença constante no Rio.

“ Os pescadores umas vezes dormiam dentro do nosso moinho, outras vezes ficavam nas malhadas, fomos criados juntos, tínhamos todos uma boa lidação. Os filhos andavam sempre com os pais, ficavam durante a noite amagadinhos enquanto os pais iam vender os peixes às aldeias, depois quando acordavam ficavam ali com a gente no moinho, até que os pais chegavam.” A.J. (Safara)

“A relação era muito boa com os moleiros, tínhamos sempre um lugarinho à nossa espera nos moinhos, eu e o meu pai éramos sempre bem recebidos. Dormíamos dentro dos moinhos, em cima dos sacos de trigo, chegávamos a estar lá semanas, no Moinho Novo, no Serralhão, fazíamos umas belas pândegas.” M.G. (Amareleja)

Fazia parte do processo de aprendizagem dos pescadores, não só aprender a pescar, mas também desenvolver outras técnicas que os tornavam auto-suficientes, faziam os tresmalhos à mão, construía os barcos que necessitavam para a sua lida, bem como todas as armadilhas de pesca que eram utilizadas na altura.

“ Eu fui criado na ribeira com o meu pai, ora nas malhadas, ora nos moinhos. Comecei a pescar com cinco anos, já banhava que nem um peixe. Os barcos que tínhamos, com que pescávamos eram feitos por nós ar-

ranjávamos a madeira de freixo no Ardila, comprávamos tábuas e pregos e o meu pai e eu fazíamos os barcos. Os tresmalhos também éramos nós que os fazíamos à mão, as malhas, os chumbos, tudo. O meu avô pescava com nassas, que eram feitas por ele com verga de oliveira e uma espécie de chorões, mas a verga de oliveira é usada verde e em estando bem encharcada vai bem ao fundo”. M.G. (Amareleja)

A pesca era feita de noite e de dia, tendo em conta o caudal do Rio, ou o facto de ser Verão ou Inverno. Se o Ardila levava muita água os pescadores tinham de passar para alguns subafluentes como o Murtigão ou Safareja, porque não se conseguia pescar no leito do Rio. Na maior parte das vezes os tresmalhos eram lançados, as armadilhas eram colocadas ao fim do dia e voltavam de manhã cedo para ir buscar o peixe, tanto mais cedo quanto distante fosse o sítio para onde o iam vender. Cada pescador apanhava em média de dez a quinze quilos, e todos vendiam.

“ De tarde deitamos os tresmalhos e de manhã cedo vamos tirar o peixe. O peixe era transportado em burros, cada um com dois caixotes, umas albardas e nós íamos a pé, vender à Póvoa, Safara, Santo Aleixo, onde calhava. Um ia vender, o outro ficava a guardar o rancho, porque havia gente que roubava tudo, até os tresmalhos de dentro de água, as coisas não podiam ficar sozinhas.” M.G. (Amareleja)

As crianças desde muito cedo eram habituadas a ficar sozinhas e a ajudar nas tarefas necessárias, sendo frequente deslocarem-se às povoações, percorrendo algumas distâncias ao preceito dos vários perigos que espreitavam. Muitas vezes eram atacadas por lobos, outras desapareciam para nunca mais serem encontradas, outras vezes, apareciam mortas.

“ Nós estávamos sempre no campo, de noite e de dia, até um dia em que o meu irmão andava ao cogumelo e mataram-no. A partir daí nunca mais ficámos no campo, íamos para o Rio mas voltávamos para a aldeia”. M.G. (Amareleja)

Na altura do defeso, que dura de quinze de Março a um de Junho, não podiam pescar. Algumas vezes pescavam às escondidas, até porque como o guarda-rios era conhecido, fechava os olhos e também levava uns peixinhos para casa. Outras vezes tinham de se dedicar à agricultura ou então arranjavam madeira e faziam carvão.

“ Quando estava na altura do defeso, arranjávamos madeira para ir fazer carvão, depois o meu pai ia vender o carvão para trazer um pão e uma medida de azeite para dar de comer à gente. A vida era muito difícil.” M.G. (Amareleja)

Actualmente, o número de pescadores reduziu de forma considerável, para além de todas as causas referidas anteriormente, as regras impostas pela União Europeia favoreceu o esquecimento de algumas técnicas de pesca utilizadas, alterou materiais e modos de vida. As malhas torna-

ram-se mais largas, permitindo que o peixe miúdo se liberte, e apesar de continuar a haver peixe para pescar, não há quem o pesque, porque também não há quem o coma. No entanto, algumas coisas mantêm-se intactas, os saberes de quem nasceu, cresceu e viveu toda a sua vida junto do Rio.

“ Os peixes adivinham o estado do tempo, quando está bom tempo caiem na rede, quando adivinham tempestade, não dão mão, aconteceu-me isto outro dia, quando choveu muito, não tinha quase nada no tresmalho.

Agora utilizo só os tresmalhos, lanço e depois vou lá buscar o peixe, como no Verão o peixe não se aguenta muito tempo com o calor, lanço de noite e vou lá buscar de madrugada.” M.G. (Amareleja)



Manuel Gaudêncio pescando no Ardila | fonte: ADASA



3.2 RITOS DE PASSAGEM

A noção de Ritos de Passagem começou por ser um termo técnico usado no início do século XX, por aqueles que se dedicavam ao estudo da Antropologia Social. Descrevia o processo ritual a que um indivíduo se sujeitava ao passar de um estatuto social para outro, como por exemplo, a entrada de um jovem na vida adulta ou a passagem de uma mulher solteira a casada.

Por detrás da ideia de Ritos de Passagem reside o facto de toda a vida humana ser marcada pela mudança. Pode mesmo dizer-se que viver é submetermo-nos a passagens sucessivas, que se iniciam com o nascimento e acabam com a morte. Estas passagens são geralmente acompanhadas de actos especiais, de celebrações ritualizadas que necessitamos de partilhar com os outros.

Neste contexto, o rio aparecia associado a muitas destas celebrações, assumindo um carácter purificador, sendo frequente baptizar as crianças no rio, a lavagem do enxoval antes do casamento, o banho das sortes ou a lavagem da mortalha do moribundo e de toda a sua roupa.

Numa perspectiva popular o baptismo é simbolicamente associado à purificação e passagem para um outro estágio. Dos dados recolhidos, nenhum dos informantes fez referência ao facto de baptizarem as crianças no rio, o que nos levou a pressupor que esta celebração bíblica passou para o interior da igreja substituindo a água corrente do rio por a “água benta”, tornando-se puramente religiosa. No entanto, convém referir que todos os banhos dados no rio, em vésperas de ocasiões especiais, podiam ser considerados um baptismo uma vez que a intenção de quem o dava, não seria só a lavagem do corpo, mas também a purificação da alma.

À água corrente do rio, era atribuída uma carga simbólica de tal maneira forte, que o homem retirava de lá todo o sustento para alimentar o seu corpo e o seu espírito.

De seguida passaremos a desenvolver algumas das celebrações que estavam associadas ao Rio Ardila.

3.2.1 “AS SORTES”

Todos os anos, sempre que os rapazes eram chamados para se apresentarem nas inspecções militares, localmente denominadas de “sortes”, era um motivo de grandes festejos. As “sortes” ditavam a sorte dos homens, porque nem todos ficavam aptos, ou seja, apurados.

Os rapazes esperavam ansiosamente por este momento, isto porque a passagem pelo serviço militar obrigatório, permitia também a passagem ao estado adulto e a tudo o que isso dava direito. A celebração das “sortes” era ritualizada e decorria durante dois ou três dias. Os festejos começavam no dia anterior ao da ida às inspecções com a chamada “banhação” no Rio. Os rapazes celebravam em conjunto e seguiam o mesmo ritual, iam em grupo, montados em burros ou em carros de bestas, quem

comandava era o tocador de concertina e ao som das modas cantadas em ambiente de euforia, o caminho que seguiam levava-os ao Rio.

“ Em Santo Amador, as namoradas dos rapazes compravam uma toalha e um lenço, sempre ao despique para ver quem comprava a mais bonita, a toalha era para se limparem no dia da banhação, o lenço levavam-no ao pescoço no dia em que iam às sortes.” M. G. (Santo Amador)

O facto de irem tomar banho ao Rio, apesar de estar envolto em carga simbólica, também reflectia as condições precárias em que se vivia nas décadas de 50/ 60, quando a maioria das habitações não tinham luz eléctrica nem água canalizada.

“ A banhação servia para irmos tomar banho antes de ir à inspecção, os banhos antes não eram como são agora, em casa não havia água canalizada, os banhos grandes eram tomados no rio, quer fosse verão ou Inverno.” A.J. (Safara)

Muitas vezes a festa começava antes de chegarem ao Ardila, os carros de bestas iam cheios de bebida e à medida que iam percorrendo o caminho que os levava ao seu destino encontravam pessoas conhecidas que imediatamente eram convidadas a beberem um copo.

“No dia em que eu fui à banhação para ir às sortes, íamos tomar banho ao meu moinho, que ficava no Ardila, quando passámos ao Murtigão estavam lá as lavadeiras a lavar, o que ia à frente tocando concertina, a cavalo num burro, perguntou se não queriam beber um copinho de vinho. Havia lá uma mais velha, que não tinha vergonha e respondeu: “Ai filho, que sede que eu tenho, dá lá aí uma caneca”. Ela bebia muito bem, as outras diziam que não queriam vinho, mas beberam, armámos ali uma festança com elas antes da banhação.” A.J. (Safara)

Havia um cuidado especial no dia da “banhação”, morria muita gente nos rios e por vezes a causa da morte era o facto de comerem e beberem bastante quando se juntavam nas “pândegas”, o calor apertava e a água fresca do rio era bastante apelativa, muitos que arriscavam o banho já não voltavam com vida.

“ Fomos sete à banhação no meu moinho, levávamos mais dois e um velho, o meu pai apanhou uns peixes, a minha mãe matou uns galos, lá fizemos a banhação. Quando começávamos a comer já ninguém entrava na água, começávamos a comer e a beber e depois perdíamos o norte.” A.J. (Safara)

Quando chegava o dia tão esperado, vestiam a melhor roupa que tinham, calçavam os melhores sapatos, muitas vezes comprados de novo, de propósito para a ocasião e iam na “carrêra” até Moura onde se realizavam as inspecções.

“As inspecções eram em Moura, ao pé de onde era o hospital, depois passou para Beja e mais tarde para Lisboa. A vida era muito diferente, eu com 100\$ fiz tudo o que tinha a fazer nas inspecções e ainda me sobram 5\$.” M.G. (Amareleja)

Quando regressavam à aldeia desfilavam pelas ruas montados em burros, exibindo o que as “sortes” lhes tinham ditado. Ao peito traziam as fitas com as cores correspondentes à situação em que se encontravam.

“ O dia das sortes era muito importante na vida do homem, passávamos de rapazes a homens, aqueles que ficavam apurados (...). Trazíamos os burros carregados de flores e andávamos passeando pela aldeia. Os que vinham apurados traziam um laço encarnado, os que ficavam livres um laço branco e os que ficavam à espera, o laço era azul (...). Os que traziam o laço vermelho é que vinham felizes, os que ficavam livres coitados, vinham tristes, era uma desonra, os que esperavam também ficavam tristes, mas festejávamos todos. No meu ano ficaram dois à espera, um era muito pequenino e magrinho e o outro não tinha tamanho. Depois no outro ano foram apurados, mas perderam um ano, quando foram para a tropa já estávamos fartos de lá estar”. A.J. (Safara)

A “pândega” estava preparada à espera que chegassem os heróis do dia, desta vez não se realizava junto ao Rio, mas sim numa casa dentro da localidade onde jantavam os rapazes, as namoradas e alguns convidados. Mais tarde realizava-se o “Baile das Sortes” que na maioria das vezes se prolongava pela noite fora.



Grupo de apurados no dia das “sortes” | fonte: José António Correia

“Depois havia o baile das sortes, o meu foi um festança até de manhã, juntavam-se os rapazes todos, era tudo muito bonito. As raparigas também estavam lá, mas naquela altura dava tudo muito trabalho, elas estavam bem guardadas, cada uma tinha lá a sua mãezinha.” A.B. (Safara)

“ A partir daí entravam no estado adulto e partiam para o casamento. Muitas vezes casavam antes de irem para a tropa para as mulheres já ficarem asseguradas.” M.G. (Santo Amador)

3.2.2 O BANHO PRÉ-NUPCIAL E O LAVADO DO ENXOVAL

À semelhança do que foi referido anteriormente, era frequente que o homem e a mulher, antes do casamento, fossem tomar banho ao rio. Este banho servia para lavar o corpo e purificá-lo, preparando desta forma o casal para a iniciação que a vida de casado permitia, a sexualidade.

Também o enxoval era lavado no rio ou na “ribêra”, a mulher lavava toda a roupa a preceito de forma a que esta ficasse branca imaculada e perfumada. Quando a mulher ia lavar o seu enxoval partia muito cedo para apanhar a melhor pedra, de forma a que a sua roupa não recebesse o sabão das outras mulheres que estavam a lavar. Também o colchão que iria servir de leito ao casal era lavado no rio, a lã era lavada e posta a secar, enchiam os colchões e estava tudo pronto para iniciarem uma nova condição de vida.

3.2.3 O LAVADO DA MORTALHA E DA ROUPA DO DEFUNTO

A mortalha e a roupa do defunto também eram lavadas no rio, no entanto, esta roupa era lavada à parte e na pedra o mais abaixo possível, junto à corrente, para que as outras mulheres que estivessem a lavar não recebessem a água e o sabão provenientes desta roupa. A mortalha era lavada no rio como forma de purificação, para que ajudasse a alma do defunto a percorrer o caminho da salvação. A restante roupa era muito bem lavada, “coarada” e “ogada” porque as condições de vida eram muito precárias e de certeza que havia alguém que ainda as pudesse aproveitar.

“ Quando as pessoas morriam, separava-se a roupa toda e ia-se lavar ao Rio, mas haviam lá pedras que se usavam para lavar, mas quando era a roupa dos mortos, lavava-se mais abaixo, junto da corrente do Rio, porque as outras que estavam a lavar não queriam que a sua roupa fosse lavada com a água que vinha da roupa dos mortos. Podia dar azar e trazer maus agoiros.” M.G. (Santo Amador)

3.3 CARÁCTER CÓSMICO DO RIO (AS MITOLOGIAS)

O mito pode definir-se como um conjunto de narrativas orais, anónimas, transmitidas de geração em geração. Pode igualmente ser a explicação ou justificação de uma determinada prática social ou cultural do presente ou passado, consistindo assim numa espécie de pseudo-razionalização dessa prática. Não tem outro emissor além da própria sociedade, e as pessoas que escutam a narrativa mítica recebem uma mensagem que não vem, a bem dizer, de parte alguma, o que explica que ao mito seja atribuída uma origem sobrenatural.

O mundo rural, povoado por gentes simples, pouco letrada, era dominado por medos, medo do desconhecido, medo de tudo para o qual não tinham respostas. Também neste aspecto, o rio alimentava o imaginário do homem, sendo recorrente associarem lendas e milagres, aparições e espíritos, qualidades e feitiços ao rio mais próximo de cada povoação. Todo este medo pelo desconhecido pontuava comportamentos, práticas e saberes que marcavam e marcam a sociabilidade do mundo rural.

Associados ao lavado é frequente aparecerem lendas e mitos referentes a alguns dias santos em que não se devia lavar no Rio, porque era pecado.

“Uma vez o sol escureceu de repente e do céu saiu uma mulher que era Nossa Senhora das Candeias, que é no dia 2 de Fevereiro que sorveu a água. Era o dia dela e nesse dia as mulheres não iam lavar ao Rio. Mas a mulher do Hermes não acreditava nessas coisas e foi lavar no dia de Nossa Senhora das Candeias ao moinho de Sta Marinas. Veio do céu um bolego que lhe bateu na cabeça e ela morreu. Por acaso isto até foi no ano de 1954, dois dias antes de eu nascer. Até caiu neve e tudo.” A.B. (Safara)

“Aqui em Santo Amador nunca se ia lavar na Sexta feira da paixão, não se devia torcer a roupa... Uma vizinha minha disse para a mãe, eu vou lavar ao Rio, a mãe disse logo para ela não fazer uma coisa daquelas porque era um pecado muito grande e Deus castigava-a. Ela respondeu que não acreditava nessas coisas e foi lavar. Tinham uma vida boa, vivia com o marido, os pais e cinco filhos, três rapazes e duas raparigas. Passado pouco tempo o pai vinham do trabalho com o carro de bestas carregado de lenha, o carro virou-se e ele ficou lá debaixo, como aconteceu de noite só o encontraram no outro dia já morto. A mãe morreu, não se sabe do quê, nem a pôde vestir porque o corpo desfez-se em água. Um dos filhos caiu de uma camioneta e a camioneta passou-lhe por cima, a filha por desgosto de amor deu um tiro no pescoço, na Segunda feira de Páscoa, o outro filho morreu com outra doença que ninguém soube o que foi, outro passou-se da cabeça, só existe uma filha que é diabética e já lhe cortaram as pernas. Ela já morreu, mas soube de tudo o que acon-

teceu, e morreu a dizer “Jesus, Paixão de Deus”. I.M.B. (Santo Amador)

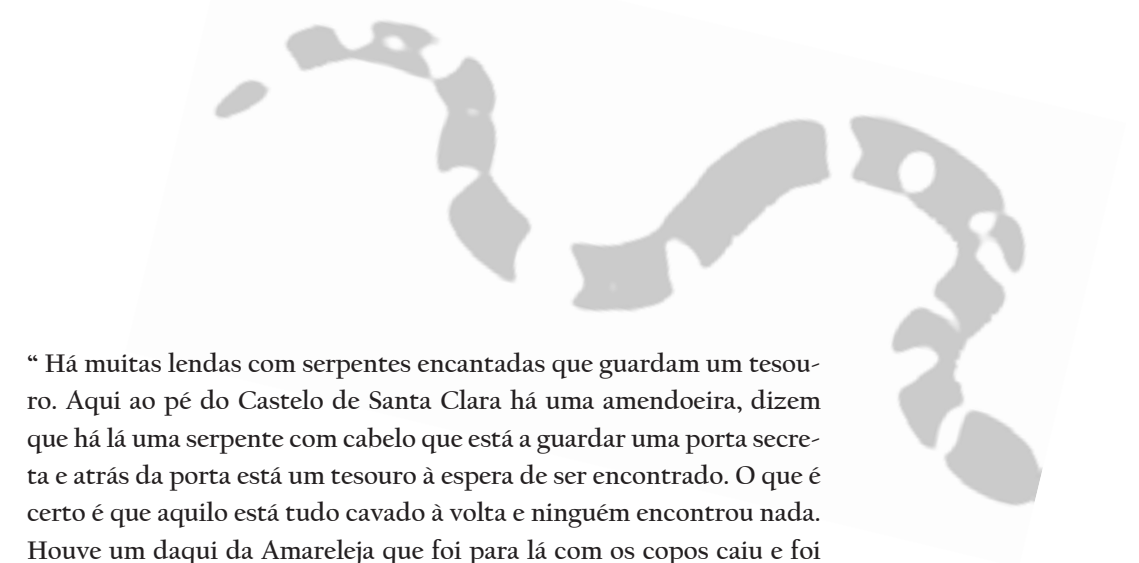
“ Houve outra que também foi lavar na Sexta Feira Santa e o filho ficou com a perna presa numa rocha.” M.G. (Santo Amador)

Ao Rio também é atribuída a capacidade de punir e castigar quem de alguma forma quebrou as sagradas regras da sociedade ou da igreja.

“Também sei, e isto é verdade porque foi o meu pai que me contou, que o Alcaide de Santa Bárbara que se chamava D.António de L`Angustia e que era falangista roubou o ouro da Igreja, meteu-o num cofre e escondeu-o no Chanca. Mas o Rio zangou-se abriu o cofre e espalhou os fios e os brincos de Nossa senhora. Depois o Rio lá longe juntou-se com o céu, e Nossa Senhora que esta era espanhola e gostava de compor, apanhou os fios e os brincos. E o Alcaide, quando morreu, foi para o Inferno. O Rio não gosta de injustiças nem de vaidades.” A.B. (Safara)

Também são frequentes as lendas que falam de serpentes encantadas, que têm cabelo e que guardam um tesouro para dar a quem conseguir desencantá-las.

“Próximo do Rio há uma rocha muito grande, chama-se a rocha fria, tem uma espécie de uma gruta que ainda não foi explorada. Há um poço onde se vê água. Mas diziam que aparecia lá uma cobra com cabelo, uma cobra encantada.” M.G. (Santo Amador)



“ Há muitas lendas com serpentes encantadas que guardam um tesouro. Aqui ao pé do Castelo de Santa Clara há uma amendoeira, dizem que há lá uma serpente com cabelo que está a guardar uma porta secreta e atrás da porta está um tesouro à espera de ser encontrado. O que é certo é que aquilo está tudo cavado à volta e ninguém encontrou nada. Houve um daqui da Amareleja que foi para lá com os copos caiu e foi rebolando até ao rio.” M.G. (Amareleja)

“ Com o Rio não se brinca. Os espanhóis que o digam. Quantas vezes não vieram eles a querer atravessar o Rio para conquistarem este lado e o Rio enfurecia-se tanto que atirava com eles novamente para Espanha e mais, uma vez, antes dos espanhóis, os romanos também quiseram atravessar o Rio, perto de Serpa, e o Rio transformou-se em serpente.” A.B. (Safara)

CONCLUSÃO

Durante o período em que decorreu o trabalho de campo foi possível observar uma enorme ansiedade por parte dos informantes para transmitir às novas gerações, todos os conhecimentos e práticas que pontuavam o seu dia a dia, tendo consciência de que se não o fizerem agora, uma importante parte do nosso património cultural se perderá no tempo, à medida que eles vão desaparecendo. Estes homens e mulheres, muitas vezes analfabetos, mas no entanto, produtores e reprodutores de cultura e conhecimento, isolados por fronteiras culturais que os prendiam fortemente à terra, e neste caso concreto, ao Rio, tinham uma capacidade enorme para resolver problemas que necessitavam de uma criatividade imediata, isto porque, ao contrário do que se pressupõe, o quotidiano destas populações não era um conjunto homogêneo de situações repetitivas.

Através da compilação e análise das narrativas pode-se concluir que a relação do homem destas terras com o Rio era profunda e pontual. Pelo Rio passavam todas as histórias, ao Rio associavam todas as respostas para as quais não encontravam explicação. O Rio, sempre presente, dava o sustento para a família, era lugar de lazer e encontrava-se associado a todas as passagens importantes na vida do homem. É impossível dar valor ao que era a vida desta gente, que trabalhava arduamente, para ganhar o pão-nosso de cada dia, sem o stress que tanto caracteriza as sociedades actuais. O que mais toca na alma, é que eram enfrentados os piores medos, feitos os maiores esforços, muitas vezes sobrenaturais, rompendo os limites físicos que são atribuídos ao homem, e no meio de tudo isto, arranjavam maneira de festejar, muitas “pândegas” se faziam, e o cântico, cantado com voz dolente embalava a vida desta gente e fazia-os esquecer o dia de hoje e acreditar no amanhã. Certo é que todos os entrevistados, quando se referiam ao passado diziam: “Isto antes era tudo muito mais bonito, agora não sabem dar valor às coisas, não sabem o que a vida custa a ganhar”. M.G. (Amareleja)

Cabe referir que dado o amplo campo de estudo que nos propusemos estudar, muitas narrativas ficaram ainda por contar, espera-se que o presente trabalho possa contribuir para preservar alguns dos testemunhos deixados pelos nossos antepassados mais próximos.

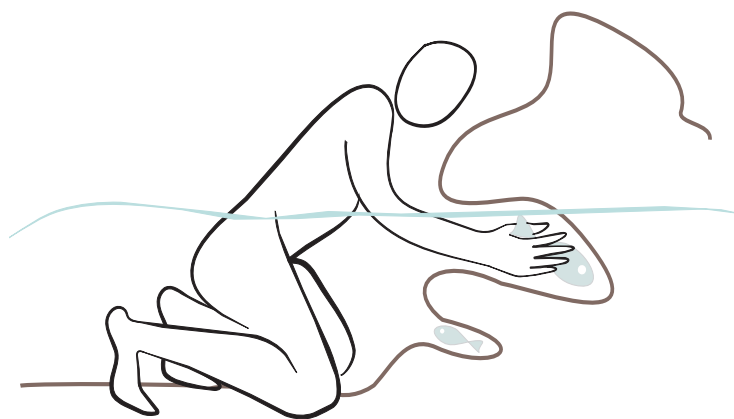
Podemos concluir desta forma que, no campo da Transmissão da Cultura “... há certas coisas que perdemos, e que devíamos fazer um esforço para as conquistar de novo, porque não estou seguro de que, no tipo de mundo em que vivemos e com o tipo de pensamento científico a que estamos sujeitos, possamos reconquistar tais coisas como se nunca as tivéssemos perdido; mas podemos tentar tornar-nos conscientes da sua existência e da sua importância”. (Lévi-Strauss, Mito e Significado)



ANEXOS

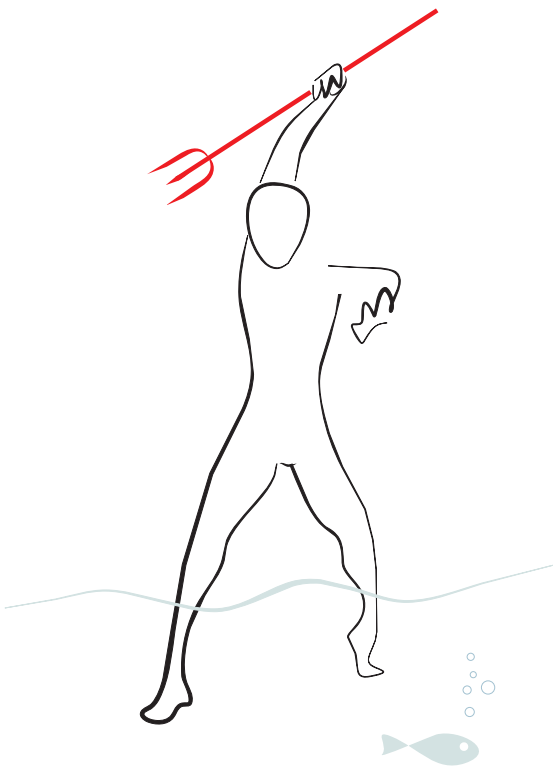
AS TÉCNICAS DE PESCA

LAPA



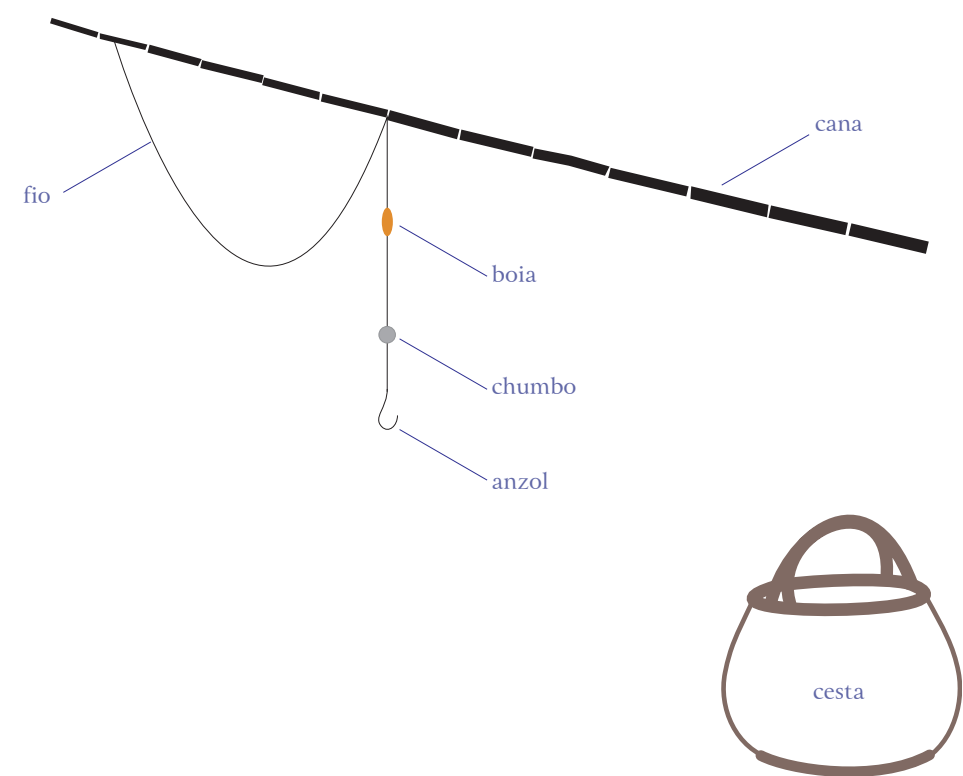
COMPONENTES	a lapa é um pequeno buraco entre pedras ou rochas, submerso
ISCO	não utilizado
MODO de ACTUAÇÃO	bate-se o peixe fazendo barulho e movimentos na água, para que este se recolha nos buracos, entre as pedras. Aos pescadores, experientes e conhecedores das lapas existentes no rio, basta introduzir a mão e apanhar o peixe.
ÉPOCA DE UTILIZAÇÃO	verão
ESPÉCIES QUE CAPTURA	todas

GARFO



COMPONENTES	um garfo de metal tridente, em que o dente central é mais curto que os laterais, e um gasómetro para iluminação.
ISCO	não se utiliza
MODO de UTILIZAÇÃO	esta técnica, oriunda de Espanha, era utilizada durante a noite. O gasómetro fornece a luz necessária para encontrar o peixe na corrente e em locais pouco profundos do rio. Após ser encontrado, o peixe é trespassado pelo garfo.
ÉPOCA DE UTILIZAÇÃO	Inverno (Outubro - Março)
ESPÉCIES QUE CAPTURA	Barbo

CANA



COMPONENTES cana; linha normalmente de cor bege, de modo a ser pouco visível dentro de água; bóia; chumbo; anzol

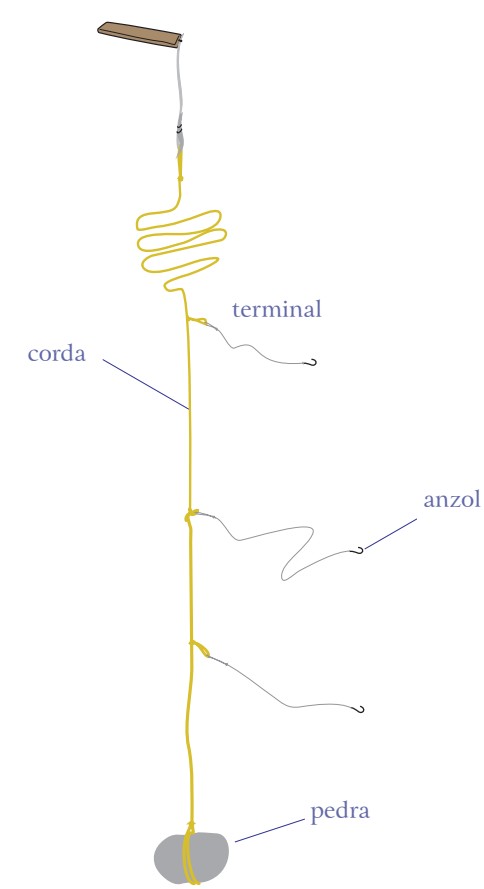
ISCO insectos, minhocas

MODO de UTILIZAÇÃO utiliza-se a cana para lançar a linha para longe da margem. O anzol, previamente preparado, encontra-se oculto pelo isco. O chumbo ajuda o anzol a manter-se submerso, e a bóia “avisa” quando o peixe fica preso. O peixe ao tentar saciar a fome, introduz o anzol na boca, que a maioria das vezes se espeta na parte interior da mesma. O anzol possui uma barbel, que o impede de sair depois de se espetar, sendo necessário empregar alguma força e habilidade para que tal aconteça. Depois, é só tirar o peixe e guardá-lo na cesta que o conserva vivo dentro de água.

ÉPOCA DE UTILIZAÇÃO todo o ano (excepto no defeso, entre Março e Junho)

ESPÉCIES QUE CAPTURA barbo, bordalo, boga e tenca

CORDA



uma corda ao longo da qual saem pontas de fio onde estão presos anzóis, alguns de grande dimensão. A uma das extremidades da corda é presa uma pedra, para manter a corda submersa. Uma corda pode ter entre 20 a 30 anzóis, espaçados de metro a metro

COMPONENTES

lesma, peixe, minhoca

ISCO

ao fim da tarde a corda é preparada, esticando-se paralelamente ao leito do rio. Coloca-se o isco nos anzóis, e prende-se uma extremidade a um sítio seguro na margem do rio. Posteriormente, a pedra que se encontra presa na outra extremidade da corda é atirada ao rio. Quando existe um barco é levada e largada, de modo a que a corda fique transversal em relação ao rio, numa zona onde este seja pouco profundo (pois o peixe só se alimenta nestes locais). Pela manhã a corda é recolhida. É a técnica que permite apanhar peixes de maior dimensão, tendo já sido apanhados peixes entre 8 a 10 Kg.

MODO de UTILIZAÇÃO

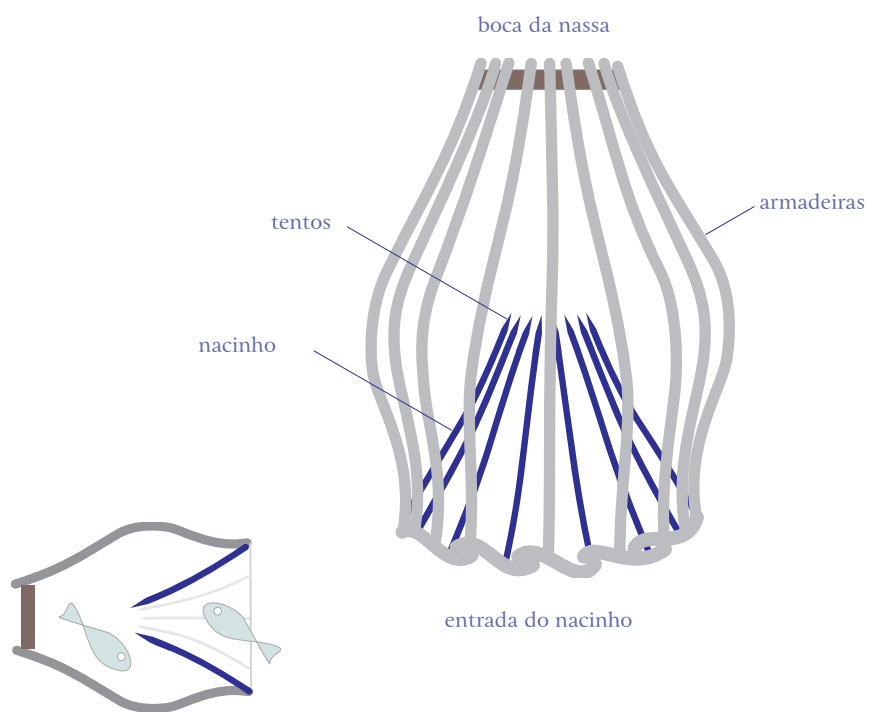
Inverno, com águas claras

ÉPOCA DE UTILIZAÇÃO

barbo e carpa

ESPÉCIES QUE CAPTURA

NASSA



COMPONENTES

feita em verga de oliveira, é composta por dois “cestos” introduzidos um dentro do outro. O interior possui tentos que só permitem a passagem do peixe numa direcção. O exterior, de forma arredondada, funciona como câmara de retenção do peixe. Este último possui um orifício, que é tapado com tampa de cortiça, por onde se extrai o peixe

ISCO

bolas de farinha torrada, tremoços (enfiados numa linha formando um colar), farelos em bola ou pão torrado

MODO de UTILIZAÇÃO

coloca-se na nassa uma pedra, suficientemente pesada para a manter submersa, e o isco. Depois atira-se a nassa para o fundo de um pego (ao entardecer ou de madrugada), mantendo-se a mesma ligada à margem por uma corda que também servirá para a retirar da água ao fim de 24 horas. Depois é só destapar o fundo da nassa e retirar o peixe

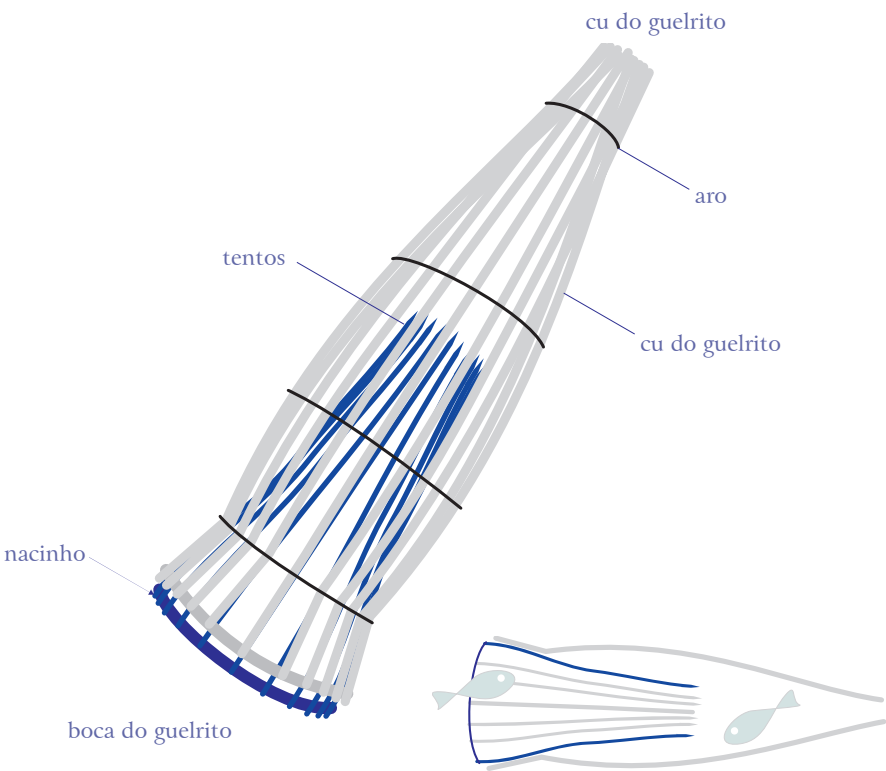
ÉPOCA DE UTILIZAÇÃO

Inverno (Outubro - Março)

ESPÉCIES QUE CAPTURA

barbo

GUELRITO



COMPONENTES

pode ser feito de verga de oliveira, arame ou juncos bravos. É composto por dois “cestos” esguios introduzidos um dentro do outro. O “cesto” interior possui tentos que permitem que o peixe, apenas entre. O exterior funciona como recipiente de retenção deste peixe. No “cesto” exterior o fundo é preso de modo provisório, para permitir que o peixe seja, posteriormente, retirado.

não é utilizado

ISCO

utilizado em cursos de água de dimensões mais pequenas. Constrói-se, num local de corrente, um pequeno açude com pedras, de modo a deixar apenas uma passagem de água, onde se coloca o guelrito com a “boca” para montante. A própria corrente introduz os peixes no interior do guelrito. Coloca-se ao anoitecer, para se recolher de manhã.

MODO de UTILIZAÇÃO

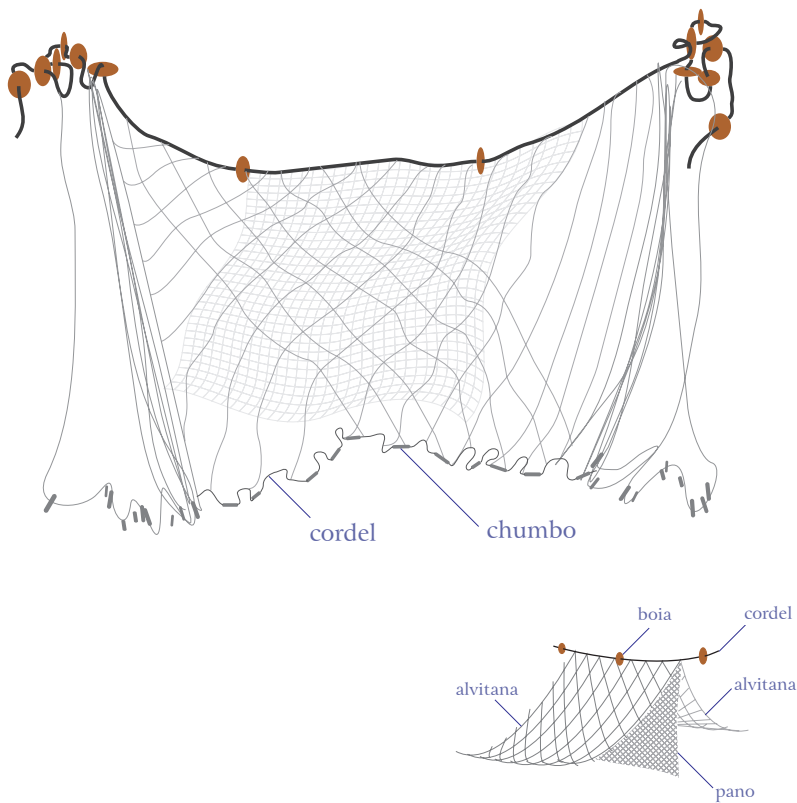
ÉPOCA DE UTILIZAÇÃO

Março - Maio

ESPÉCIES QUE CAPTURA

boga, barbo e bordalo.

TRESMALHO



COMPONENTES

é composto por três panos de rede. O pano propriamente dito é central, e as alvitanas, de malha bastante mais larga, são laterais. As redes são presas em baixo por uma corda com chumbo, que mantém o tesmalho aderente ao fundo do rio e, em cima, são também presas a outra corda que possui bóias, permitindo que o tesmalho se mantenha esticado.

ISCO

cevadoiro

MODO de UTILIZAÇÃO

o tesmalho é colocado transversalmente atravessando o curso do rio (lance de atravessado), ou circundando determinada zona que se sabe ser abundante em peixe (baía). No Verão, o pescador entra na água para realizar esta tarefa, mas de Inverno utiliza o barco. Esta técnica é utilizada em zonas que apresentam já alguma profundidade. Depois de colocado o tesmalho, ou se espera umas horas, ou se faz barulho a partir de locais afastados, em direcção ao local onde se encontra o tesmalho, de modo a que o peixe vá contra este. Ao chocar com o tesmalho o peixe faz passar a rede central pelas alvitanas, formando bolsas que o retêm. É a técnica que permite apanhar maior quantidade de pescado e, por isso, bastante utilizada pelos pescadores profissionais. É a única técnica que pode ser usada durante a cheia do rio

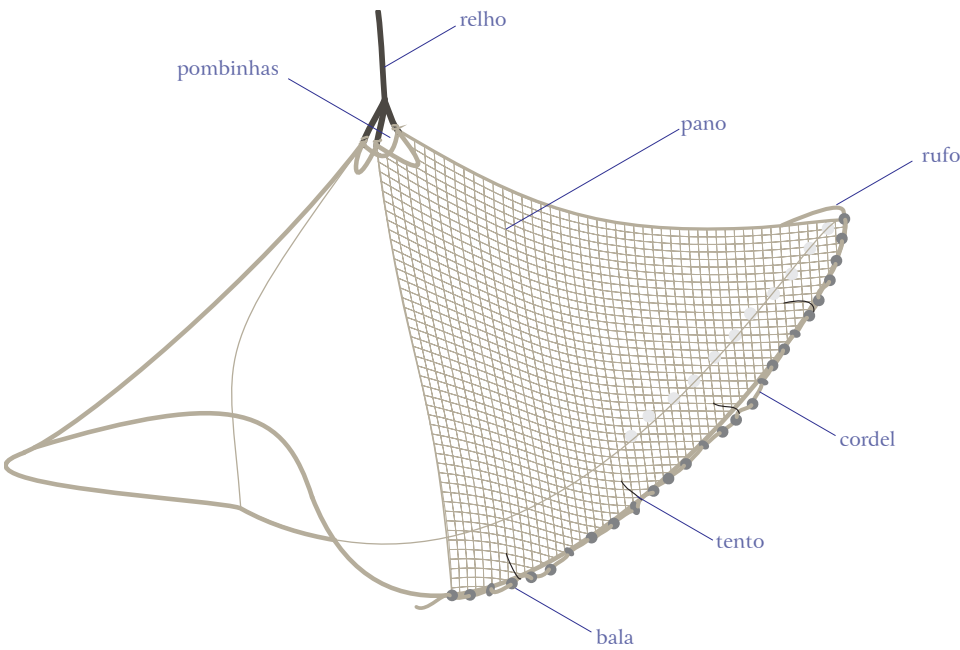
ÉPOCA DE UTILIZAÇÃO

excepto no defeso

ESPÉCIES QUE CAPTURA

barbo, boga, tenca e carpa

TARRAFA



COMPONENTES

uma rede circular, que tem uma corda ao centro que a sustém e que serve para o pescador a tirar da água, como para manter o contacto com a rede. Nas extremidades, a rede apresenta grande número de bolas de chumbo, que permitem mantê-la bem aderente ao fundo do rio

ISCO

pode fazer-se um cevadoiro (colocar alimento que atraia o peixe ao local), meia hora antes de começar a pescar, com farelos de bagaço de azeitona ou restos de farinha

MODO de UTILIZAÇÃO

a tarrafa é “jogada” no rio em zona pouco profunda, com uma técnica própria de modo a cair aberta no fundo do rio, formando uma circunferência. Apanha o peixe que se encontra naquele momento, no local onde cai. O chumbo mantém a aderência ao fundo do rio, não permitindo que o peixe se escape. É depois puxada com todo o cuidado para que essa aderência não se perca

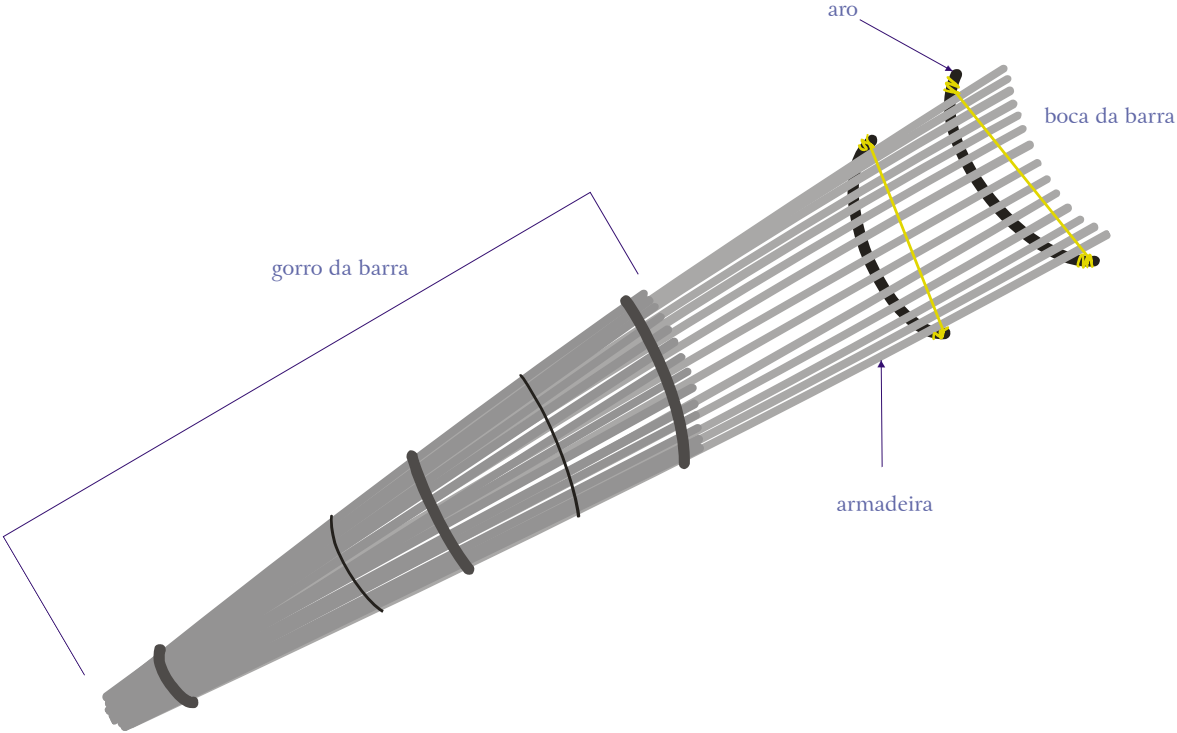
todo o ano

ÉPOCA DE UTILIZAÇÃO

todas

ESPÉCIES QUE CAPTURA

BARRA



COMPONENTES

estrutura construída em cana ou loendro, com forma semelhante ao guelrito mas, aberta em cima, e de dimensões maiores (aproximadamente 2 metros de comprimento).

ISCO

não utilizado.

MODO de UTILIZAÇÃO

construía-se um açude em pedra, deixando apenas uma abertura, ou utilizava-se uma abertura de um açude de moinho. Colocava-se uma laje, onde acentava a boca da barra, num plano inferior em relação ao orifício de passagem da água, de modo a que esta ficasse fora de água. Quando o peixe entrasse na barra, ficava retido sem poder voltar atrás.

ÉPOCA DE UTILIZAÇÃO

primavera

ESPÉCIES QUE CAPTURA

todas

BIBLIOGRAFIA

Correia, José António de Oliveira

Moura Culturas e Mentalidades

ed. Câmara Municipal de Moura, Associação de Municípios do Distrito de Beja, 1997

Cutileiro, José

1977(1971)

Ricos e Pobres no Alentejo: uma Sociedade Rural Portuguesa

Lisboa, Sá da Costa

Fentress, J. & Wickham

C. (1992)

Memória Social. Novas perspectivas sobre o passado

Lisboa: Editorial Teorema

Galvão, Armando

Mosca, Francisco

Amador, Jorge

Barnabé, José M.

Contribuição para o estudo etnográfico dos moinhos do Guadiana

Beja, Delegação Distrital da FAOJ, sld

Guita, Rui

Levantamento Arqueológico do Alqueva (LAPA)

Anexo Património Molinar

Campo Arqueológico de Mértola, 1996

Guita, Rui

Moinhos de Água no Concelho de Mértola

Associação de Defesa do Património de Mértola

Mértola, 1991

Jerónimo, Rita, Correia, Patrícia e Silva, Luís

Estudo dos Moinhos de Água do Guadiana, Moinhos de Água

no Regolfo de Alqueva e Açude de Pedrógão

Memórias D'Odiana - Estudos Arqueológicos do Alqueva -No

tempo dos Moinhos do Guadiana e outros Tempos

Beja, 2003

Lévi-Strauss, Claude

Mito e Significado

(1979), Ed.70

Macias, Santiago

Zambrano Gomes fotógrafo de Moura

ed. Câmara Municipal de Moura, 2000

Oliveira, Ernesto Veiga de

Galhano, Fernando

Pereira, Benjamim

Sistemas de Moagem. Tecnologia Tradicional Portuguesa

Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de estudo de Etnologia. Lisboa, 1983

Picão, José da Silva

Através dos Campos – usos e costumes agrícola-alentejanos

Publicações don Quixote, Lisboa 1983

Piçarra, Ladislau

Nunes, M. Dias

Tradição

Revista mensal de 1899 – 1904; ed. Fac-sím.; C.M.. Serpa. Associação de Municípios do Distrito de Beja, 1982.

Silva e Matta, José Avelino

Anais de Moura

Moura 1855, ed. Câmara Municipal de Moura , 1991

Vasconcelo, José leite de

Etnografia Portuguesa, Vol. V

Lisboa, 1982





São devidos agradecimentos às seguintes entidades:

- . Câmara Municipal de Moura
- . ADASA – Associação de Defesa do Património Cultural e Ambiental de Santo Amador
- . Juntas de Freguesia do Concelho de Moura
- . Sugo Design

São devidos agradecimentos aos seguintes “*NARRADORES DO RIO*”:

- . António Barradas Janeiro
- . Irene Monteiro Branco
- . Manuel Vitoriano
- . Maria Odete Mamede
- . Mariete Branco Guerreiro

Agradecemos as fontes documentais cedidas por:

- . Mariete Branco Guerreiro
- . José António Correia
- . Catálogo do Núcleo do Rio – Museu de Stº. Amador



casa da água

MOURA